

Selmo Azevedo Apontes

ENSAIOS DE QUIETUDE

NOVOS POEMAS
COLETADOS



Selmo Azevedo Apontes

ENSAIOS DE QUIETUDE

NOVOS POEMAS
COLETADOS



Edufac

Selmo Azevedo Apontes

ENSAIOS DE QUIETUDE

NOVOS POEMAS COLETADOS



Ensaio de quietude: novos poemas coletados

Selmo Azevedo Apontes

ISBN: 978-65-88975-49-7

Copyright © Edufac, 2022

Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac

Rod. BR 364, km 04 • Distrito Industrial

69920-900 • Rio Branco • Acre // E-mail: edufac@ufac.br

Editora Afiliada:



Diretor da Edufac

Gilberto Mendes da Silveira Lobo

Coordenadora Geral da Edufac

Ângela Maria Poças

Conselho Editorial

Adelice dos Santos Souza, Ana Carolina Couto Matheus, André Ricardo Maia da Costa de Faro, Ângela Maria Poças (presidente), Antonio Gilson Gomes Mesquita, Carlos Eduardo Garçon de Carvalho, Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira, Dennys da Silva Reis, Esperidião Fecury Pinheiro de Lima, Francisco Aquinei Timóteo Queirós, Francisco Raimundo Alves Neto, Jäder Vanderlei Muniz de Souza, José Dourado de Souza, José Roberto de Lima Murad, Maria Aldecy Rodrigues de Lima, Rafael Marques Gonçalves (vice-presidente).

Coordenadora Comercial e Serviços de Editoração

Ormifran Pessoa Cavalcante

Design Editorial e Capa

Rogério da Silva Correia

Revisão de Texto

Ormifran Pessoa Cavalcante

Foto

Selmo Azevedo Apontes

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Ufac

A644e Apontes, Selmo Azevedo

Ensaio de quietude: novos poemas coletados / Selmo Azevedo Apontes.
Rio Branco, AC: Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac, 2022.

106p.; il.; Ebook.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN: 978-65-88975-49-7

1. Poemas. 2. Literatura regional. 3. Poemas - Natureza. I. Título.

CDD: 637

Bibliotecária: Nádya Vieira Batista - CRB 11º/882

Dedicatória

À minha família
Aos amigos e amigas de ontem e de hoje
Especialmente aos professores e professoras
que fizeram parte de minha formação
No Jardim de Infância Beija-Flor
Na Escola Gomes Carneiro
Na Escola Angelina dos Anjos
Na Escola Silvio Gonçalves de Farias
No Centro de Estudos do Comportamento
Humano
Na Universidade Federal de Rondônia
Na Universidade Federal de Minas Gerais,
O meu muito obrigado.

*Como sopro,
hálito,
dicção
e acontecimento performático,
a palavra proferida e cantada
grafa-se na performance do corpo,
lugar da sabedoria.*

Leda Maria Martins
(Performances da oralitura: corpo, lugar da
memória. In: **Letras**. n. 26. p. 66, 2003)

Sumário

13

Introdução

15

Sobre um rio de águas
turbas e versos curtos

19

Que as palavras

21

O rio ali

22

Que o rio

23

No rio

24

A vazante da baía

25

O pássaro livre

26

Sorri

27

Eu

28

Ela pescando

29

Eu também sou
Natureza

30

Que os olhos
agourentos

31

Espaços vazios

32

A palheira

33

Temporal

34

Cachoeira do
Teotônio

35

Necessidade de
Eureca?

36

Esperança

37

Ah, se o mar quisesse

38

Ah, meu rio

39

Trajatória

40

Depois do banho
profundo

41

A curva do rio

42

Tu e eu

43

Senti

44

Dormindo

45

Abraçando

46

Que teu calor

47

Faz frio

48

Sinto

49

Teu corpo sorria

50

Esbarrei-me

51

Ela me chamou

52

Vi teus passos

53

Você não veio

54

Vai ser tão fácil

55

Onde os sentimentos
dissolvem

57

Um coração
inundado

58

Lá longe

59

Temos que continuar

60

As águas dos teus
olhos

61

Diante de nossos
sonhos

62

Mar, grande mar

63

Roubei uma lágrima

64

Quando o peito rasga

65

Balançou saudade

66

Noites sem porquês

67

Quietude

68

Na epiderme

69

O amor

71

Feras de Safo

72

No palco

73

Já vi tantas palavras
lerdas

74

Não convém

75

Três angústias

76

Dizem

78

Meias palavras

79

Verborragia

80

O silêncio

81

Em andar

82

Um feixe de luz

83

No centro da
percepção

84

O som da voz é um
ferrão

85

O som

86

Vibração

87

As cores

89

O silêncio

90

O som alimenta o
fogo

92

O corpo sabe

93

Vibra meu corpo

94

Quando um corpo
luminoso

95

A arte do corpo

96

Tudo está no corpo

98

Um dia quem sabe

99

Houve um tempo

100

Guerra à vista!

101

O barco da profunda
noite

102

Em cada página de
nosso corpo

103

Pensamos com o
corpo

104

O silêncio cria
fissuras

105

SOBRE O AUTOR

106

SINOPSE

Introdução

Depois da apresentação ao público da primeira coletânea de poemas, partilho a segunda compilação. Esta é composta de escritos mais recentes, uns 4 anos no máximo, até a presente data. Penso que são escritos mais maduros. Assim como a água em movimento de turbilhão tenciona a decantar, desconfio que assim são estes escritos: decantados; por isso, ensaios de quietude. Não uma quietude sem ação, mas de uma ação mais refletida; não solitária, mas quietude: processo necessário da vida adulta.

Nestes escritos fiz um passeio mais material, buscando o corpo (rios, natureza do corpo e o corpo da natureza, o corpo dos sentimentos, a política do corpo e corporeidade) como sistema de criação de pensamento, sentimento, arquivo de memória: corpo-biblioteca. A lógica racional, que sempre negou o saber do corpo, tem muitas histórias. E, tal como Cioran (p. 47), “por medo da dúvida, fez-se da cegueira um sistema”. Nosso sistema de reflexão muitas vezes é caolho ou penso, no sentido de proporcionar um desequilíbrio. A cegueira de que a compreensão se faz apenas por meio da razão conduz a um sistema em que não nos sentimos refletidos, espelhados.

Por um tempo, assim como Cioran (47): “caio numa ideia como num precipício”. Também naveguei poeticamente sobre temas que fluíam, emergiam nos poros, dos pés à pele. E cai poeticamente como um precipício temático, e, como surpresa, gostei do resultado escrito. Isso também porque, como diz Bourdieu (83), “história feito corpo...” E o corpo feito história! E o corpo feito poema com suas cores, dores, sabores, dissabores, memórias... O corpo da natureza, e a nossa natureza do corpo...

Assim, tomei: “Meu corpo É minha sede”, como belamente expressou Mia Couto – *Antes de nascer o mundo*, p. 97. Então, corporifiquei poemas, desvelando saberes negados, sentimentos que fluem de um inconsciente coletivo, para um consciente coletivamente escrito sob a ótica de um autor.

Assim, alça voo mais uma coletânea. E aproveito para agradecer as belas palavras do prefácio, realizado por meu querido colega de profissão e excelente literato: Sérgio Santos. Obrigado pela consideração do texto “sobre rios de águas turvas e versos curtos”.

Acho que muitas pessoas escrevem poemas, mas poucos têm “coragem” de se revelar aos demais. Penso que assim, quem perde é a literatura, com preciosidades belíssimas guardadas em caixas, quase carcomidas pelo corpo do tempo, latejando por suspiro e ouvidos atentos.

No mais, desejo boa leitura, e que os poemas falem também para você, com você e de você.

Selmo Azevedo Apontes

Sobre um rio de águas turvas e versos curtos

Soube que meu colega de trabalho Selmo Apontes, escrevia poema, quando a editora da Ufac, a Edufac, pediu-me para dar um parecer sobre uma obra literária. Confesso que assim que vi que os textos eram de autoria do meu colega de trabalho, veio-me à mente a famosa passagem da crônica “O gigolô das palavras”, de Luís Fernando Verissimo, quando lá, ele diz que “a Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa”¹.

Confesso também que ri dessa lembrança, porque eu tinha em mãos um material literário de um professor de Latim, o que ia de encontro ao que defendia em sua crônica, o escritor gaúcho. Eu estava diante de textos de alguém que não só se comunica de maneira muito pessoal, mas também literariamente. Parece que o poeta Selmo Apontes veio para contrariar a crônica do Luís Fernando: ponto para o Selmo, meu querido colega e professor de Latim, e zero para o Verissimo.

Resolvi começar essa apresentação por essa constatação para falar de algo muito importante quando se fala em poesia, que é a figura do poeta. Por tradição, essa figura sempre nos pareceu de um sujeito depressivo, distante, calado, velho, boêmio etc. Creio que o Romantismo seja o maior culpado disso, depois, alguns professores de Literatura, que fizeram essa impressão tomar conta de nós. Tá, essa visão não é tão ruim assim, não tira o brilho da poesia, e talvez até lhe dê certo garbo. Mas nos faz pensar que os poetas são distantes de nós, que não são pessoas como nós.

Quem conhece o professor Selmo Apontes, diria – com base na visão tradicional que se tem de poeta – que ele não é dado aos versos. Contrariamente, porém, ao que disse Verissimo, o professor de Latim sempre me pareceu uma pessoa extremamente comunicativa, inclusive piadista dos bons – difícil passar 10 minutos perto dele sem ouvir uma boa piada, criada na hora. Eu só não conhecia mesmo era seu lado poeta. Talvez porque o poeta não tenha necessariamente

1 VERISSIMO, L. F. O gigolô das palavras. In: LUFT, C. P. *Língua e liberdade*: por uma nova concepção de língua materna. 11. ed. São Paulo: LPM, 1985, p. 15.

uma cara, não corresponda a um modelo que se tenha criado no curso da história. O poeta é uma pessoa como qualquer outra.

Falando da obra, encantei-me com os poemas que li. Como amante da poesia, professor de Língua Portuguesa e ex-professor de Literatura, não pude deixar de apreciar o modo como o poeta brinca com as palavras. Prefiro dizer “brincar”, porque me alude à ideia de ser coisa fácil de fazer, ainda que os temas abordados e as ideias que percorrem em seus poemas sejam sérios, tratem de temas importantes. A questão é que os poemas de Selmo são na maioria, curtos, simples, diretos, cuja leitura corre tranquila como as águas dos rios da Amazônia, os quais causam tanto fascínio ao poeta, amante declarado da natureza. Mas os arranjos que compõem os versos e as estrofes dos poemas de Selmo Apontes são feitos com esmero, com zelo, como se o poeta amarrasse cada palavra no seu lugar ideal. O resultado, porém, expresso em muitos poemas curtos, dá-nos a sensação de que tudo foi tão fácil ser feito. Por não se tratar de poemas longuíssimos, que nos dão a ideia de labor e cansaço, os poemas de Selmo Apontes nos dão a sensação de certa pressa – uma pressa zelosa.

Os temas abordados nos poemas de Selmo são, na sua maioria, relacionados à natureza. O poeta parece-me um admirador profundo do meio natural e de seus encantos, sobretudo do rio. Assim como Caymmi era fascinado pelo mar, Selmo é fascinado pelo rio, por suas águas, pelas lembranças que ele traz da infância, por sua função na vida das pessoas, pela beleza que ele tem com suas curvas e movimentos. O mar, porém, não fica de fora de sua visão de poeta, como no poema sem título, cujos versos dizem: “Ah/Meu rio/Tentava inutilmente/Adocicar o mar/.../Com lágrimas doces!”

No poema acima, além de observarmos o tema recorrente na poesia de Selmo, deparamo-nos também com a delicadeza de suas metáforas, que cumprem o papel não só de embelezar os versos, mas de fazer a crítica necessária, trazer à reflexão, fazer o leitor pensar além do verso, além da imagem criada. Isso é constante nos poemas de Selmo, que brinca seriamente com as palavras. Selmo, nesse sentido, é discreto: incita a discussão com a sutileza de poemas pequenos, versos curtos e metáforas simples. É como se o poeta nos desse a escolha de nos deixarmos levar pela beleza dos versos ou refletirmos profundamente sobre os temas abordados, porque tudo está ali discreta, coerente e coesamente relacionado.

Nada da natureza parece escapar ao olhar atento do poeta, que fala de raios, trovões, plantas, rios, animais... e gente. Sim, há espaço também para se

falar das pessoas e dos temas que as ladeiam, como o afeto, o desejo, a saudade, a dor, a solidão, os sonhos, a política, entre outros. Em vários momentos, o poeta chega a fundir os elementos que compõem seus versos, e mistura o ser amado com a própria natureza, numa metáfora bela e delicada: “As águas dos teus olhos/Tornaram-se turvas,/Já não se pode ver o fundo da alma.//Encerrou/Uma dura camada de infelicidade/Ante tua retina.//Hoje/Jaz apenas um sorriso amarelo/Seguindo/Teus olhos/Turvos./E ferinos.”

Todavia, cabendo-me a missão apenas de apresentar este livro de poemas, deixo nas suas mãos, caro leitor, essa coletânea de poemas do meu querido colega de trabalho. Assim, você tirará sua impressão sobre a obra toda a partir da primeira observação feita nesta apresentação. Deixo com você um poeta que aqui, não é professor de Latim, mas não foge de professar, embora de forma indireta, intermediado pelos versos que constituem mais que poemas, formam fragmentos da vida, retalhos de vivências, cacos de saudades, pedaços de cada um de nós, cujos sentimentos também transitam na poesia de Selmo Apontes.

Boa leitura!

Sergio Santos²

Rio Branco/AC, 01 de maio de 2022.

2 Sergio Santos é escritor e professor de Língua Portuguesa da Ufac, desde 2009.

1

Que as palavras,
Nascidas na planta dos pés,
Modeladas,
Com os braços dos abraços,
Sejam amadurecidas
No coração!

2

O rio ali

Me faz perder
Em palavras tornas
Palavras curvilíneas.

O rio ali

Curvilinearmente
Torto
Me faz encontrar
Na próxima curva.

Que o rio

Traga em mim

Palavras

Serpenteadas de segredos

No rio

Os meninos
Não tomavam banho...
Se impregnavam de
Aquática identidade...
Liquefazendo-se.

Diante do rio
Perco as palavras
E me calo.
E deixo o rio correr em mim.

...

A vazante da baía

Jorrou

Abrupta

E deu forma

Ao meu rio.

Margens

Margens recriadas...

O pássaro livre

Lançou voo

Como flecha sibilando

E eu, flecha,

Voei junto

Riscando o céu de alegria

Uma sibilante alegria.

Sorri

Um sorriso aquático
Em tua saudade líquida.
Assim
Me perdi languidamente
Em teus braços.

Eu
me
calo
A
natureza
fala
...
Mudo
fico
extasiado

Olho
Vejo
E sinto
Pelo que vejo.

Ela pescando

Pescava mais que peixe:

Vivência...

Revivência

rememorização

Eu também sou Natureza
Desfolhando-me
Em quietude

Que os olhos agourentos

Cheios de um pavonice medo

Se converta em rio...

E verta

E corra

E deslize

Até afogar-se no mar

No mar salgado

Das doces alegrias!

Espaços vazios
Espaços bravios
Segredos, a fios
...

A palheira,
Triste,
Sentiu o sopro do Vento
Dançou e sorriu
Quando ele
A convidou
Para uma dança

Ela, no colo do Vento,
Desmanchava-se
Plenamente feliz
Flexivelmente feliz

Temporal

...

Raios

Que medra os espíritos

Pequenez

Mísera e tacanha

Pretensão de humanidade

Frente à explosão da natureza

Cachoeira do Teotônio

...

Mil voltas

E revoltas

Em mim.

Necessidade de Eureka?

Não!

Necessidade de Piracemar!

Esperança...

Esperança piracêmica...

Esperança atrevida!

Esperança líquida!

Ah, se o mar quisesse

Ah

Se o mar quisesse

Poderia rasgar

Inundar

Ao meio

Meu

Rio

...

Ah

Meu rio

Tentava inutilmente

Adocicar o mar

...

Com lágrimas doces!

Trajatória

Um curso do rio
Que desemboca
Num oceano
De ideias
Salgadas.

Depois do banho profundo

O rio corre em mim

...

E eu

corro no rio.

A curva do rio

Lembrou-me teu rosto

Aquático sentimento

...

E eu

Submergido

Embebido de profundezas

Em

um

Inquietante

Desconhecer,

Translúcido,

Queria ser

Diáfano.

Tu e eu

Não somos um nós.

Somos dois

Singulares!

Senti

Teu sorriso
Escorregando-se
Desmanchando-se
Desfazendo-se
Em cada abraço.

Dormindo,
Imagino-te
Assim, semi-nua,
Coberta de sonho
...

Abraçando

Carícias

Que se liquefazem

Que se encontram

Justapostas

Deslizante

Postas num abraço.

Que teu calor

queime

molhe

acolha

dissolva

meu frio!

Faz frio,
Mas ainda queimo!

Sinto

Uma grande despedida
De um cerne
De um verme
Que carcome
Meu coração

Sinto

Não minto
Uma grande despedida
Em letras tristes
Arrastadas pela dor

Sinto!

E isso dói!

Teu corpo sorria

Era ontem ainda
Que teu cheiro sentia
Teu corpo sorria
Ao encontrar o meu

Era onde ainda
Me lembro, eu sei
Teu corpo sorria...
Meu amor, não te dei...

Era ontem ainda
Espaços vazios
Noites a fio
Corações bravios...

...

Era ontem ainda

...

Mas hoje, chorei...
Ainda me lembro
Meu amor, não te dei.

Esbarrei-me

Esbarrei-me
Com tua dor
No meio do caminho

Esbarrei-me
No caminho do meio
Da tua dor,
Atirando lágrimas.

Ela me chamou.
E eu tão longe,
Por isso, tão perto,
Respondi.

Vi

Teus passos

Cheios de direções

...

Em busca

De caminhos

...

Vi teus passos

...

Você não veio

Fechei a porta

Há muito, aberta.

Você não veio

Você não veio

Você não veio.

Fechei

Parei

Escutei

O silêncio de teus passos.

Vai

Vai ser tão fácil

esquecer você

é só não olhar o mar...

esse mar de doces lembranças...

vai

vai ser tão fácil esquecer você

vai...

vai

Vai ser tão fácil esquecer você

vai

Que até vou esquecer de mim.

Vai!

Onde os sentimentos dissolvem

Os sons que liquefazem
Palavras que se respingam...
Ali irei moradear.

3

Um coração inundado

Pulula

Bombeia lágrimas

Para não afogar-se.

Ah, coração inundado.

Lá longe

Soou saudades

O rio correu lágrimas ocultas

De meu coração

E

O sol

Deitou seus olhos em mim.

Adormeci!

Temos que continuar a atirar lágrimas
Para retirar a humana forma in-tranha
E não estranha.

As águas dos teus olhos

Tornaram-se turvas,
Já não se pode ver o fundo da alma.

Encerrou
Uma dura camada de infelicidade
Ante tua retina.

Hoje
Jaz apenas um sorriso amarelo
Seguindo
Teus olhos
Turvos.
E ferinos.

Diante de nossos sonhos

Sonhados só

Diante de nossas almas

Tornadas lamas

Despedacei-me

Abracei-me à espessa noite

Que passou

de braços dados com a solidão

sorrindo para mim.

Mar
Grande mar,
Acolha
Minhas lágrimas doces
Que correm
Em direção ao teu regaço.

Roubei uma lágrima
negra
que rolou de teus olhos

roubei uma lágrima
preta
turvada de branco

lágrima de teu
sofrimento

antes de cair,
tombar
e eu aparei...
uma lágrima negra.

Quando o peito rasga

A carne explode

A voz condensa-se:

Lágrimas brotam!

Balançou saudade em meu coração
Um beijo,
um pedido,
Um egoísmo de Adão.

Noites sem porquês
Céu sem estrelas!

Quietude:

Espaço do encontro

Com Outro

Tão diferente

Que chega até

A ser Eu

Na epiderme

Emerge

Um sentimento

Que enlaça o pensamento

Emergindo dos escombros da dor!

O amor

Dói tão gostoso
Que chega a dar um gozo
Na epiderme do coração!

4

Feras de Safo

Feras em formas
Que disformes feitos
Embebem sonhos
Em miríficas realidades

Nas ilhas miríades de Safo
Nem só fadas
Que em corpo hercúleo
Navega nos rios de lesbos.

Um fio invisível
Cobre as venusianas formas.
Maledicência

No palco

Uma menina triste
Não disfarça sua tristeza

No palco

Uma menina triste
Com seu olhar de aspereza

No palco

Uma menina triste
Olhar de tigresa
Me encarou.

Já vi
Tantas palavras lerdas
Verborragias
Embusteiras...
Forma desinforme!

Não convém

Não convém que a tortura
Vença...

Não convém que o ódio
Vença...

Não convém que a dor
Vença...

Não convém que o não-sentido
Vença
O pote novo!

Três angústias:

A caneta que risca todo querer
Deixando tatuado
Esta minha dor

A tinta que zomba
A cada letra
De um desritmado sentimento

E um poço
Que transborda
De um imenso vazio.

Dizem

Que há uma tal de “mão invisível”
“forças invisíveis”
Desregulando tudo.
Isso parece mais ciências ocultas
Que verdadeiro nome da face
Do terror mundializado
E simbolicamente revestido
Como monólogo disfarçado: – retórica! Engodo!
Não entendo nada
Dessa economia metida a ciências ocultas
Que oculta cadáveres humanos
Em cada ato de “progresso”
Que mata crianças
Em cada roubo de dinheiro público
Mantendo a fome
E acusando gestos limites
De imoral
Illegal.

Imoral é a fome!
Illegal é a fome!
Fome imoral
Fome ilegal.
...

Illegal é a miséria
Imoral é a miséria

...

Carrego cicatrizes vitais
Feitos por essa “mão invisível”
Carrasco que quebra as pernas
Matando corpos
Matando sonhos –
Oniricidas!

Teus banquetes
Feitos de carne humana
E com a miséria
Dos que foram enviados
Para o esquecimento.

Vozes mentirosas
Que arrotam inverdades
Em vias desfeitas.
Capitalismo carniceiro
Desfiando sonhos
E projetos comuns.

Meias palavras

Palavras e meias

Meias nas palavras

Palavras nas meias

Escondidas

...

Podem se tornar pedras

Em seu caminho...

Cuidado!

Verborragia

Tempestuosos lógos
Vomitando um lucrativo cáos
No lamaçal
De um desgoverno putrefato.
Não é Voz!
É flatulência verbal!

O silêncio

só

fala

Daquilo

que

estamos

cheios.

Em andar

...

Em andar

A música

Move

A alma

Ondula

A calma

“Banzeiro?”

A música vibra

E faz “banzeiro” na alma

No corpo, no corpo, no corpo-alma.

Um feixe de luz
Se liquefaz
Em minha retina:
guardiã das cores
memória do tempo

No centro vital da percepção
Tudo é diferente
E igualmente.
E é igual
Mas permanece diferentemente. ...
A quietude começa a invadir
Agora limpa a visão,
Depura a sensação,
Abre os ouvidos para novos sons...
Não é o espaço
Mas a percepção muda
Despertada
Vivificada
Diáfana
Translúcida
Em in-quietante quietude

O som da voz é um ferrão

Ondas de um furacão...

Para navegar

Em uma estrada sonora.

O som

Risca um ínfimo

Suspiro

Gestos suaves

Gestos vitais

Vibração

Vibração

Vibração

O corpo energiza-se

E forma

E informa

em música ondeante

Vibração...
Coração!

As cores

...

Os sonhos

...

As dores

...

Florescem

...

Como um lótus

...

Sinfonia.

Mas a flor de lótus

Floresce

Bem

Na lama!

5

O silêncio da matéria
É a alma
!

O som
Alimenta o fogo

O tambor
Ecoa flamejante

Flamejante alegria
Que a dor
Em festa dobra
!

6

O CORPO SABE?

O corpo sabe!

O corpo lembra!

O corpo guarda!

Arqueologicamente

Ele constrói as pegadas de retorno:

Memória corporificada!

Saber corporificado!

A pele que lembra e sabe!

(Poema publicado na contra-capas do livro:
Trajetórias de estudantes universitários indígenas da UFAC: 10 anos do Conexões de Saberes, Comunidades Indígenas. Rio Branco: Edufac, 2021.)

Vibra
Vibra meu corpo
Em cada mar de notas
Em cada onda de gesto
Que surge
E insurge
Incitado pela
Vibração
Das batidas
Do coração.

Quando um corpo luminoso

Emite eflúvios de vida...

Descobre-se a seiva vital

Correndo no corpo.

A arte do corpo
o corpo da arte e
A arte no corpo
Corporifica a arte
De vivências

Tudo está no corpo

Produtor

Evocador

de energias milenares

Sintetizando

A seiva da Terra,
emergindo energicamente
a alma-corpórea terrícula
luminosamente aquática.

por isso

não morremos nunca!

Nascemos de forma outra

Talvez

numinoso

luminiscentes...

luminiscentes...

porque a vida
é uma outra forma de morte
e a morte
é outra forma de vida

e só se sabe
quando se vive
embebido de corpo
nos pés e mãos....

Um dia,
Quem sabe,
Um passeio no corpo
Não torna
A alma cativa?

Houve um tempo

Em que os sonhos
Eram guardados nos pés
Nos olhos fitos no horizonte
Nas pegadas,
“nas peles dos espíritos”,
Nas marcas e caminhos das águas
Nos caminhos passareantes
Carregando
Um segredo indizível

Houve um tempo
Em que os sonhos
eram recontados
Refeitos
Como cestos
Amarrados com os fios dos tempos.

Teve um tempo
Em que os sonhos
Eram feito redes
Como esperança
Que se carrega no corpo
Embalado em fios de ternura.

Houve um tempo, por isso
É tempo de recomeço
Revisitar
Memórias adormecidas.

Guerra à vista!



Terra à vista!

O barco da profunda noite

Arrastando consigo uma rede

Com seus fios

Entrelaçam as estrelas

Com profundos delírios

Saborosos delírios e realidades

Em cada página de nosso corpo

Estão corporificadas

Em verso

E reverso

Grandes histórias

!

Quem se atreve a ler?

Pensamos
Com o corpo
E com a planta dos pés
Semeada na terra.

Eis o pensamento concreto!

O silêncio

Cria fissuras

Permanentes

Exibindo profundidades.

Olhá-lo é estar

À beira de um

Abismo!

SOBRE O AUTOR

Breves informações

Selmo Azevedo Apontes. Nasceu em uma localidade chamada Limoeiro, Rio São Miguel, antes município de Guajará-Mirim, em 1974. Fez a formação do primeiro grau em Costa Marques e depois, do segundo grau em Ji-Paraná, Rondônia. A formação superior foi parte nos seminários diocesanos de Guajará-Mirim, Manaus e Maringá; depois fez Letras e Mestrado em Linguística no campus da Unir, em Guajará-Mirim, RO. Completou a formação de doutoramento na Universidade Federal de Minas Gerais, em Linguística Teórica e Descritiva; e o pós-doutoramento no Instituto de Estudos da Linguagem, na Unicamp. Exerce a docência na Universidade Federal do Acre, desde novembro de 2005; coordena o Grupo de Pesquisa em Descrição e Análise Linguística – Gedal – e atua também na pós-graduação no Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, do Centro de Educação, Letras e Artes.



SINOPSE

Ensaio de quietude: novos poemas coletados

Selmo Azevedo Apontes

Depois da apresentação ao público da primeira coletânea de poemas, partilho a segunda compilação. Penso que são escritos mais maduros. Assim como a água em movimento de turbilhão tenciona a decantar, desconfio que assim são estes escritos: decantados; por isso, ensaios de quietude. Nestes escritos fiz um passeio mais material, buscando o corpo (rios, natureza do corpo e o corpo da natureza, o corpo dos sentimentos, a política do corpo e corporeidade) como sistema de criação de pensamento, sentimento, arquivo de memória: corpo-biblioteca.



Edufac